



CORONAVÍRUS E SEUS DEFRONTES NO AGROEXTRATIVISMO DE COCO BABAÇU DE ARAJARA, BARBALHA, CEARÁ

Cassio Expedito Galdino Pereira

RESUMO

O presente trabalho tem como propósito debater sobre os dilemas enfrentados no período da pandemia pelas pessoas ligadas ao agroextrativismo de coco babaçu no distrito de Arajara, Barbalha, Ceará. A(o)s agroextrativistas nos últimos anos vêm sendo defrontados com uma crise instauradas pela nova lógica do sistema de produção capitalista, que provocam novas lógicas para o território da comunidade. Por meio de experiências, vivências e conversas informais na comunidade. Notamos que com a chegada do coronavírus (Covid-19) os saberes e fazeres estão mais ameaçados, pois as pessoas estão paralisando ou abandonando a atividade.

Palavras-chave: Agroextrativistas; Capitalismo; Pandemia.

CORONAVIRUS AND ITS FRONTS IN THE AGROEXTRACTIVENESS OF BABASSU COCONUT DE ARAJARA, BARBALHA, CEARÁ

ABSTRACT

This paper aims to discuss the dilemmas faced during the pandemic period by people linked to babassu coconut agro-extractivism in the district of Arajara, Barbalha, Ceará. The agroextractivists in recent years have been faced with a crisis brought about by the new logic of the capitalist production system, which provokes new logics for the community's territory. Through experiences and informal conversations in the

community. We noticed that with the arrival of the coronavirus (Covid-19) knowledge and actions are more threatened, as people are paralyzing or abandoning the activity.

Keywords: Agroextractives; Capitalism; Pandemic.

CORONAVIRUS Y SUS FRENTE EN LA AGROEXTRACTIVIDAD DEL COCO BABAÇU DE ARAJARA, BARBALHA, CEARÁ

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo discutir los dilemas enfrentados durante el período pandémico por personas vinculadas al agroextractivismo del coco babasú en el distrito de Arajara, Barbalha, Ceará. Los agroextractivistas en los últimos años se han enfrentado a una crisis provocada por la nueva lógica del sistema de producción capitalista, que provoca nuevas lógicas para el territorio de la comunidad. A través de vivencias, vivencias y conversaciones informales en la comunidad. Notamos que con la llegada del coronavirus (Covid-19) el conocimiento y las acciones están más amenazadas, ya que las personas se paralizan o abandonan la actividad.

Palabras-clave: Agroextractivos; Capitalismo; Pandemia.

INTRODUÇÃO

Estarmos navegando em mares que jamais navegamos nos coloca o desafio de nos indagarmos para que servem nossos mapas já que os mapas delineiam/marcam caminhos conhecidos. Para que servem nossos repertórios cognitivos – nossas teorias, categorias e conceitos, nossos mapas - se estamos diante de outro mundo que, como tal, nos exige não só o domínio dos repertórios cognitivos conhecidos, mas, sobretudo ousadia intelectual para buscar leituras que estejam à altura das grandes questões com que nos defrontamos? (PORTO-GONÇALVES, 2020, p. 105)

Na frase acima, Porto-Gonçalves (2020) nos provoca a termos ousadia para buscarmos respostas para as questões que nos defrontamos. Em meio a pandemia do novo coronavírus (SarsCov-2), amarrados de mapas tentando relatar desenfreadamente o caos, novos processos cognitivos de toda a magnitude, uma pergunta se torna latente as comunidades: Que mapas servem hoje? As práticas cartográficas que temos hoje não servem para mostrar esse novo mundo a sociedade, especialmente os das comunidades tradicionais. Estão obsoletas. Na verdade, a grande maioria sempre estiveram, pois seguiam o ‘*status quo*’ do sistema capitalista, moldando o mapa como mercadoria para

vender o mundo, esquecendo seu papel como comunicação dos fenômenos sociais (GOMES, et. al., 2012).

A crise do padrão do poder imposta pelo sistema de produção capitalista ganha novo contorno com os mapas que temos circulando nos dias atuais, aos quais não alavancam os limites do problema social que habita nas nossas vidas. As tintas que são manchadas nesses mapas trazem narrativas que servem a colonização do saber, do poder, do ser e da natureza, ensanguentadas das feridas das comunidades tradicionais que são excluídas, silenciadas e marginalizadas pelas estruturas de dominação. Ao reproduzir as formas de pensar o espaço hegemônico que estamos vivenciando não conseguimos tratar sobre as histórias e r-existências sociais.

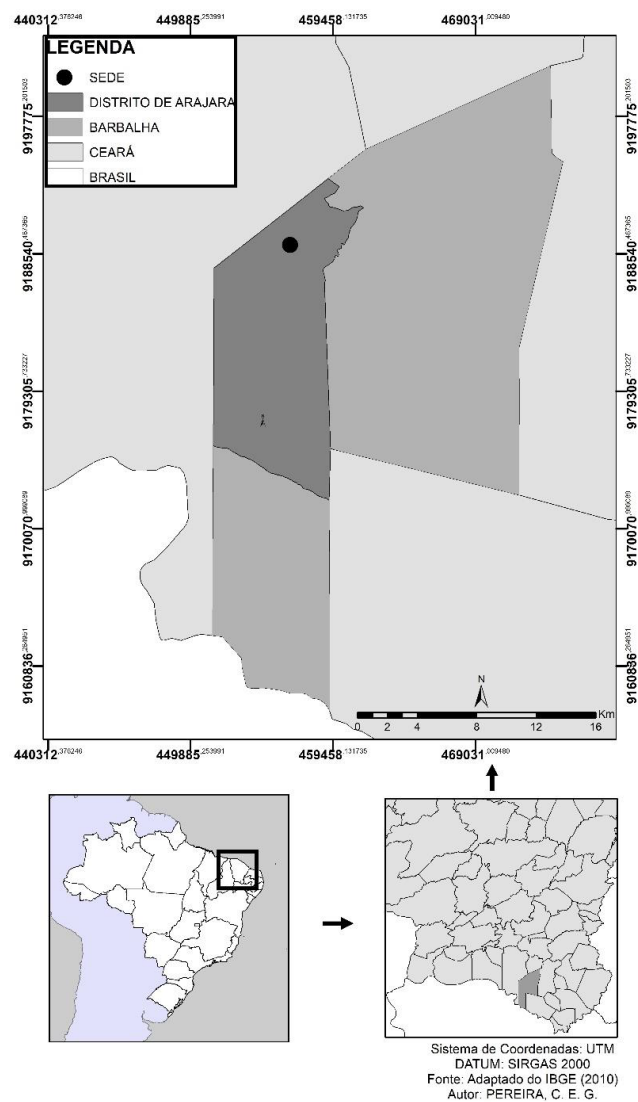
Nesse sentido, precisamos adentrar os rincões dessas comunidades, entendendo os motivos que o mapa não possui função para pensar e agir socialmente. Este papel nos coloca a tencionar o mapa para provocar reflexões sobre o espaço geográfico e assim conseguir um meio para transformar o que é imposto de cima para baixo. Dessa forma, temos de pensar o mapa como um começo de uma história que vai nos instigar para entender os acontecimentos espaciais e sociais de tais comunidades. Porém, antes de mapear é preciso conhecer o que ocorre ali.

Partindo dessa conjectura, o objetivo desse texto é tecer as conjecturas sociais e econômicas do distrito de Arajara, mais especificamente da(o)s agroextrativistas de coco babaçu. Essa atividade que é secular na comunidade, nas últimas décadas vem sofrendo impactos pelas crises econômicas e sociais, sendo agravada pela pandemia do coronavírus (Covid-19). Logo, esse caos nos coloca a pensar qual futuro terá tal atividade e os novos dilemas que surgirão.

O distrito de Arajara (figura 01), que se situa na porção oeste do município de Barbalha, pertencente ao estado do Ceará, região nordeste do Brasil, conhecida nas feiras livres da região como terras que dão bons frutos. Os sujeitos sociais dessa localidade trabalham com a terra e outras atividades, tendo uma parcela nas últimas décadas deixado o campo para trabalhar no espaço urbano ou fazer migração sazonal em busca de melhorias de renda. Essa situação se deve aos dilemas da crise econômica e social que a produção da localidade vem sofrendo, como é o caso dos produtos feitos do coco babaçu,

fruto advindo da palmeira babaçu, cientificamente nomeada como *Orbignya speciosa* (VALVERDE, 1957).

Figura 01 – Mapa do Distrito de Arajara, Barbalha, Ceará.



Fonte: Pereira (2019)

Essa prática é realizada nesse espaço a várias gerações e, para maioria destes sujeitos, é a única renda econômica para o sustento de suas famílias. Com a serventia para fins diversos, que em boa parte é a produção de óleo vegetal do fruto dessa planta, esses trabalhadores vivem precarizados pelo movimento de reestruturação produtiva capitalista gerado pelas transformações da técnica.

Deste modo, notoriamente é uma atividade tradicional que está sendo confrontada pelos novos interesses do capital, fazendo as pessoas abandonarem tais atividades, deixarem os campos de babaçuais de lado, sendo essas terras pensadas para novos fins, como casa de veraneio, turismo de lazer e hortifruticultura. Com a crise do coronavírus, esse processo de violência silenciosa vem sendo arrematado, provocando agroextrativistas que mantêm vivo os saberes e fazeres de tal atividade, dentre os quais as pessoas mais idosas, estarem paralisando ou abandonando por busca de segurança.

Para construir esse texto foi usado as experiências e vivências no distrito de Arajara, bem como conversas informais feito com algumas pessoas que vivem do agroextrativismo. Adverte-se que mantivemos as orientações das medidas de prevenção estabelecidas pela Organização Mundial de Saúde, bem como dos outros órgãos competentes do Estado, para conter a propagação do vírus. Assim, sempre dialogamos com essas pessoas em distância de dois metros e usando máscara.

Buscamos ao longo da experiência fazer análises críticas a partir da literatura sobre a realidade da comunidade. Para isso, nesse estudo teve-se como base teóricos próximos da teoria descolonial, que nos possibilitaram deslumbrar sobre outras perspectivas de pensamento e política a partir do Sul. Também foi feita ponderações de outros teóricos que estudaram comunidades camponesas na região do Cariri, para fazer conexões e refletir criticamente sobre os problemas enfrentados no agroextrativismo de Arajara.

CONTEXTOS ANTES DA PANDEMIA

A nova dinâmica sócio-espacial pela conjuntura do coronavírus coloca impactos no mundo, deixando a desigualdade provocada pelo sistema capitalista mais latente, especialmente para os grupos mais vulneráveis. Nessa situação, as comunidades que já viviam uma relação de vulnerabilidade social e conflitos territoriais se tornaram mais acentuada. Nesse ponto, fica evidente que a (re)organização territorial provocada pelo capital, que vão atender seus interesses, faz surgir uma fragmentação ainda maior entre a

comunidade, colocando em xeque os saberes e fazeres tradicionais das comunidades, como é o caso da(o)s agroextrativistas de coco babaçu do distrito de Arajara.

É visível que nessa nova lógica se adentra o tão impetrado desenvolvimento, que rompe com a dinâmica cultural e social que ocorria nesse ambiente (ESCOBAR, 2005). Isso fica evidente quando olhamos para as transformações que vem ocorrendo no Cariri cearense. Como alguns pesquisadores já vem denunciando, essa região vem nas últimas décadas sofrendo com as constantes mutações territoriais pelo uso da riqueza proveniente da natureza, em especial da Chapada do Araripe. Tais atividades são provenientes na região pela centralidade geoestratégica e geopolítica, fazendo surgir inúmeras explorações e conflitos territoriais para acumulação do capital (GONÇALVES, 2005).

Estes problemas e dilemas da região provocam conflitos e lutas de r-existências nas várias comunidades da região, como podemos listar a partir das minhas pesquisas, bem como os estudos realizados por Francisco Wlirian Nobre e Anael Ribeiro Soares: Baixio das Palmeiras (Crato-CE); Assentamento 10 de Abril (Crato-CE); Distrito de Poço (Brejo Santo-CE); Umari (Mauriti-CE); Sítio Santana II (Barbalha-CE); Pau d'Arco (Missão Velha-CE); Olho d'Água (Missão Velha-CE); Distrito de Arajara (Barbalha-CE); etc.

Todas essas transformações foram aceleradas pela chegada de empreendimentos econômicos vigente desde as décadas de 1960, que surgiram graças a projetos econômicos, como o Asimow, que buscavam colocar a região sul do estado e o Ceará na rota do capitalismo (BESERRA, 2007). Para Beserra (2007), estes foram acelerados na reestruturação do capital no Ceará que impulsionou a vinda de indústrias pelos atrativos financeiros, fiscais, além de incentivos para infraestrutura, mercado e o apoio tecnológico. Assim, surge indústrias de calçado, mineração, cerâmica, farmacêutica, cultura irrigada, lazer e turismo que usam os potenciais dos recursos naturais da região. Além disso, projetos a nível estadual e Nordeste são empreendidos, como é o caso do Cinturão das Águas do Ceará (CAC) e Transposição do rio São Francisco, como também

o Projeto GEF Caatinga do MMA a nível internacional, que foi desenvolvido pela Fundação Araripe¹.

Este último projeto é bem singular para a comunidade do distrito de Arajara, pois sua funcionalidade se dava no sítio Macaúba, com o intuito de modernizar e trazer o desenvolvimentismo² para a atividade feita com o coco babaçu. Conforme em pesquisa anterior (PEREIRA, 2019), o projeto tinha como foco transformar a Associação das Mulheres do Sítio Macaúba em uma empresa para comercializar coco babaçu, como foi feito em outras localidades do Nordeste, mas falhou, pois as mulheres não queriam adentrar na lógica capitalista. O propósito do projeto era de fazer óleo de coco, sabão, sabonete, óleos essenciais, cosméticos, artesanatos e biojóias através da matéria-prima abundante na região, os babaçuais.

Como ressaltamos em nossa pesquisa anterior,

Observa-se que tudo isso trouxe uma nova roupagem para o distrito de Arajara, seja diretamente ou indiretamente, trazendo modificações no espaço e um outro modo de vida, com o qual as populações agroextrativistas dali devem agora se confrontar. Em outras palavras, esse processo de desvalorização dos babaçuais ocorre em Barbalha pela nova lógica que foi posta para essas terras pelo mercado, levando outras atividades a serem valorizadas, em detrimento do agroextrativismo. (PEREIRA, 2019, p. 94)

Neste ponto, as terras com babaçuais que eram grandes latifúndios começam ser vendidas, divididas em heranças, se tornando minifúndios, o que leva a ter dificuldade do acesso para coletar e ter coco babaçu (PEREIRA, 2019). Tal fato acarreta os agroextrativistas não saberem como re-existir, abrindo mão da atividade para adentrar outras ou viver de benefícios concedidos pelo Estado, em sua maioria a aposentadoria. Os que continuam na atividade necessitam se submeter aos atravessadores e rentistas para compra de coco ou necessitam de outras pessoas para trabalharem na atividade, pois seus primogênitos não querem continuar o legado pelos inúmeros dilemas existentes (PEREIRA, 2019).

¹ A Fundação de Desenvolvimento Sustentável do Araripe é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), apartidária, que não possui fins lucrativos, tendo como propósito pelos seus criadores contribuir para a região do Cariri.

² A ideia de desenvolvimento espolia e explora os seres humanos na sua relação com o meio, transformando-a em apenas fins econômico, sem pensar os dilemas socioculturais (PORTO-GONÇALVES, 2006).

Vale aqui apresentar que a renda dada ao extrativismo de amêndoas vem decaindo nos últimos censos feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), como pode-se notar na tabela 1. Nesses dados é mostrado que do ano de 2012 a 2014 houve uma grande queda no valor da tonelada das amêndoas de coco babaçu de 1405 reais para 93 reais em média (ver grifos na tabela 1). Além disso, houve a diminuição na quantidade produzida, sendo de 74 toneladas para 32 toneladas.

Tabela 01 - Quantidade e valor de produção dos anos de 2004 a 2014 do distrito Arajara, Barbalha (CE) com base em dados do IBGE.

Oleaginosos babaçu (amêndoa) – Distrito de Arajara/Barbalha (Ceará)			
Ano da produção	quantidade produzida	valor da produção	Valor por tonelada
<u>2004</u>	78 toneladas	78 mil reais	1 mil reais
<u>2008</u>	77 toneladas	92 mil reais	1. 194 reais
<u>2012</u>	74 toneladas	104 mil reais	1. 405 reais
<u>2014</u>	32 toneladas	3 mil reais	93 reais

Fontes: IBGE, Produção da Extração Vegetal e Silvicultura 2004; Rio de Janeiro: IBGE, 2006.
 IBGE, Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura 2008. Rio de Janeiro: IBGE, 2009.
 IBGE, Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura 2012. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.
 IBGE, Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura 2014. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

Fonte: IBGE

Os motivos para tal fato acontecer é o crescimento de áreas com uma logística maior para as amêndoas, que em sua maioria eram vendidas para fazer sabão. Com tais desvalorização, além da chegada de novas perspectivas de renda, agroextrativistas começaram deixar a atividade.

Na análise desse processo é notório perceber a transformação que aconteceu no espaço agrário de Arajara, efeito advindo desses projetos territoriais, que enfocam uma nova forma incisiva a questão social e cultural. Nesse ponto, caso as pessoas não se

insiram nessas lógicas são marginalizadas e discriminadas, como foi o caso das pessoas que viviam ou ainda vivem do agroextrativismo de coco babaçu.

O cerne dessas alterações é feito pelos avanços das novas lógicas propostas pelo sistema capitalista para a região e para esse lugar segue as considerações feita por Brito (2016, p. 293) para região, na qual: “a questão agrária na região do Cariri está acrescida de dinâmicas singulares de nosso tempo histórico, que anunciam transformações territoriais planejadas pelo Estado, evidentes na sua ação em conjunto para empurrar modos de produção espacial tipicamente capitalistas no campo”.

Esses avanços provocam e intensifica o processo de migração, especialmente da população mais jovem, que vai buscar meios para ter ‘melhorias’ de vida no corte de cana-de-açúcar na região Sudeste, em sua maioria para São Paulo, ou as plantações de soja na região Centro-Oeste, em sua maioria para Goiás. Também é visível as pessoas usarem esse território como sítio-dormitório, onde vão trabalhar na área urbana, em especial nas indústrias ou no setor de serviços e comércio das três cidades principais, as quais são Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha. Sua residência no sítio é usada apenas como local para descanso e passar a noite, podendo ser chamado de sítio-dormitório (PEREIRA, 2019).

Desse modo, pode-se verificar que o modo de vida das populações tradicionais do campo vem sofrendo significativas transformações pelas novas dinâmicas sócio-espaciais, afetando não terem noções dos saberes e fazeres seculares que acontece nesse território. Logo, o distanciamento que existia e preservava a cultura foi perdido para se construir uma nova lógica de mundo mais desigual, fria e desumana.

Isso se agravou em 2019, onde se tornou sintomático com a fragmentação do movimento da Associação das Mulheres do Sítio Macaúba, fazendo com que não houvesse mais um coletivo, levando a ideia de cada uma realizar sua atividade solitariamente. Com isso temos o fechamento da sede da associação com a parada do maquinário conseguido pelo projeto feito pela Fundação Araripe. Elas somente se unem no momento das feiras que ocorrem pela região, especialmente as agroecológicas e da Economia Solidária, porém, só comercializavam óleo de coco e algumas biojóias que

tinham no estoque. Já havia dificuldades pela falta de apoio para continuar a fazer outros produtos.

E nesse ponto notamos que não há a construção de uma rede de proteção social e incentivo do Estado pensando em ser apoiador da comunidade, mas há apenas planejadores-burocratas que ditam as regras do que deve ser ou não executado. Sobre isso, Escobar (2005, p. 80) nota “Está claro que os lugares estão sendo progressivamente submetidos às operações do capital global, de modo ainda mais acentuado na era do neoliberalismo e da degradação do Estado-nação”. E este é o caso do Cariri cearense, consecutivamente, o distrito de Arajara.

Vale salientar que os processos do sistema capitalista são seletivos, aos quais suas escolhas dependem dos interesses do mercado para pensar a acumulação e circulação do capital (HARVEY, 2005). Por esse sentido é que as escolhas de comunidades, como é o caso de Arajara, estão entrelaçadas aos processos de espoliação do capital que é feito em países periféricos da elite do capital, especialmente para se aproveitar das riquezas naturais e a sua mão-de-obra barata, como diz Harvey (2005). Assim, a espoliação é feita para tirar os direitos das sociedades periféricas de suas terras, guardando-as como ambiente de reserva, útil para o jogo de interesse político/econômico global, como também local (HARVEY, 2005).

Ainda sobre isso, tendo como base a análise feita por Escobar (2005) e Gonçalves (2005), nota-se que a Arajara sofre um processo de liberar os ideários ‘não-capitalistas’ para se interligar na nova lógica proposta para esse lugar e a região, ao qual é a da estrutura econômica capitalista. Dessa maneira, os projetos empreendidos no território, consecutivamente, as várias tentativas de modernização da atividade de coco babaçu, propõem que as vidas e culturas adentrem a política de mercado e acumulação, esquecendo o processo de solidariedade e relações de identidades com o território.

A PANDEMIA E OS DILEMAS A(O)S AGROEXTRATIVISTAS DE ARAJARA

O que podemos notar com a declaração da pandemia do coronavírus, feito pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020, é que tal evento

conseguiu deixar mais evidente a marginalização dos grupos que mantêm atividades seculares, como é o caso da(o)s agroextrativistas de coco babaçu. O processo de (re)produção do espaço pandêmico fez chegar com mais intensidade que estes camponeses não são importantes, pois o que foi priorizado pelo Estado é a manutenção de serviços que eram essenciais para o funcionamento do sistema capitalista. Atividades que não tinham escopo nessa lógica eram paralisadas e isso trazia mais dificuldades para atividades que já vinham sofrendo problemas, como é o caso do agroextrativismo do babaçu.

O panorama da pandemia no distrito fez com que em um primeiro momento as pessoas considerassem que o vírus não circularia até aqui. Isso foi mais nítido nas pessoas idosas, que teimavam e ainda teimam em desacreditar do potencial mortal com que o vírus age no corpo. Por isso, os profissionais do Posto de Saúde Familiar (PSF) do sítio Macaúba relutaram em avisar o perigo do vírus, a necessidade do uso de máscara e do álcool em gel. Porém, somente com sua chegada entre algumas pessoas da comunidade, em especial da segunda onda nesse mês de março de 2021, tendo pessoas internadas e intubadas nos Hospitais São Vicente e Santo Antônio de Barbalha, fazendo com que grande parte redobrasse os cuidados. Ressalta-se que essas pessoas foram infectadas por outras pessoas que circulavam pelo centro ou que faziam viagens para vender produtos agrícolas.

O quadro provocado no impacto da agricultura do distrito começou ser evidente em meados de abril para junho de 2020, quando o número de casos na região do Cariri se intensificou, fazendo as pessoas terem receios na comercialização, especialmente nas feiras. Os primeiros decretos surgiram para fechar cidades do Cariri, tendo consecutivamente a vinda de lockdown em junho³, fez produtora(e)s terem receios de como comercializar seus produtos. Nesse sentido, destaca-se que algumas festividades

³ DECRETO MUNICIPAL DE JUAZEIRO DO NORTE Nº 525, DE 12 DE MAIO DE 2020; DECRETO MUNICIPAL DE BARBALHA Nº 008/2020, DE 18 DE MARÇO DE 2020; DECRETO MUNICIPAL DE CRATO Nº 3003002/2020;DECRETO ESTADUAL Nº33.631, de 20 de junho de 2020;DECRETO ESTADUAL Nº33.637, de 27 de junho de 2020.

típicas, como a novena de Santo Antônio⁴ e a ExpoCrato⁵, foram canceladas, fazendo um momento bom para venda desses produtos deixarem de ocorrer.

Com o agravamento da pandemia a maioria dos motoristas de transportes alternativos dos distritos param de circular, as pessoas começam a permanecer mais em um comércio interno. As pessoas param de circular em ambientes que pareciam ter risco para saúde, como é o caso das feiras. Feiras agroecológicas e da Economia Solidária são paralisadas, tendo seus organizadores tentado buscar alternativas, como a venda por encomenda a partir do aplicativo de celular whatsapp, mas elas só contemplam as hortifruticultura do distrito, deixando de lado produtos menos rentáveis, como é o caso do óleo de coco babaçu.

A(o)s agroextrativistas que ainda continuavam na atividade começaram a sofrer muitas dificuldades. Algumas das mulheres e homens mais idosos das atividades que continuavam na atividade resolveram diminuir ou cessar a produção. O motivo foi se interrelacionando com o vírus e a comercialização fraca. Não se tinha rentabilidade de permanecer em tais atividades que não conseguisse auxiliar a comprar alimentos para as residências.

Nesse ponto, uma das famílias que trabalham com o coco babaçu adentrou na venda de máscara pela matriarca, buscando sobreviver ao vírus e a crise econômica. Essa venda tentou adentrar novas possibilidades de ter outra fonte de renda para a família, já que a venda decresceu. Ressalta-se que a família priorizou em fazer vendas em casa, pois não queria correr o risco de ser contaminada participando de feiras ou viram que não tinha rentabilidade ir vender de porta em porta.

Essa foi a noção de outras famílias, nas quais começaram a fazer um estoque em casa de óleos de coco babaçu na espera de compradores que viesse adquirir. O preço do óleo de coco ficou congelado ou teve diminuição para tentar ter interessados em comprar.

⁴ Festa de Santo Antônio, que acontece no último domingo do mês de maio, com hasteamento do pau de bandeira, indo até dia 13 de junho, trazendo muitos turistas para as celebrações religiosas e místicas, bem como participar dos cortejos culturais.

⁵ Exposição Agropecuária do Crato, considerada a maior evento agropecuário do Nordeste e Norte do país.

No entanto, a queda foi acentuada, fazendo com que muitas pessoas armazenassem cocos em suas residências para quebrar e fossem fazer outras atividades.

Um outro ponto marcante é que algumas das senhoras mais antigas nessa atividade não quis mais contratar diaristas para quebrarem os cocos babaçus, como também ficou com receio de comprar cocos de atravessadores. Já no caso da Associação das Mulheres do Sítio Macaúba a pandemia fez isolar ainda mais o grupo de mulheres que mantinham a atividade, fazendo com que a sede da associação permaneça fechada, abrindo somente para realizar atividades de consultas para oculistas ou guardar materiais de obras que acontecem na localidade.

Logo, o medo de serem contaminadas é algo que assolou e ainda assola seus pensamentos e práticas. Por esse mesmo motivo elas não se atreveram na busca de terras com babaçus, ficando algumas com um número de coco reduzido até a melhoria do número de casos no município. Transpassa também em seus pensamentos em não realizarem mais a atividade, tendo medo do vírus e ponderando sua idade.

Nitidamente pela falta de segurança nas atividades temos uma paralisia na comercialização, além da perda das relações de afetividades e solidariedade existentes entre a(o)s agroextrativistas. É notório que a precariedade e desigualdade já existente se intensifica, trazendo uma degradação dessa atividade que pode intensificar a modificação espacial e social de Arajara para as novas estruturas postas pelo sistema capitalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela necessidade de se preservar vidas e buscar a não propagação do vírus estamos assistindo a mudança posta nas relações de sociabilidade que afetam as comunidades tradicionais, como é o caso do distrito de Arajara. Entretanto, ainda falta muito para verificar em pormenores quais os impactos negativos concretos do vírus na comunidade, pois é algo tão recente que nos deixa reflexivos sobre as condições sociais, financeiras, trabalhistas e de infraestrutura dentro das comunidades, como é o caso dos agroextrativistas de coco babaçu de Arajara.

O que podemos entender é a necessidade de um processo de incentivo e consolidação da união entre a(o)s agroextrativistas, com o propósito de se fazer lutas para re-existências dentro dos seus ideais. Nesse ponto, as associações de moradores devem ser fortalecidas, mas precisasse saber como mobilizar a comunidade como um todo a participar com diálogos dos seus embates diários, notando os seus interesses e desejos. Somente assim poderemos organizar frentes amplas com as universidades, fazendo construção de mapas e repertórios cognitivos que estejam sendo defrontados na realidade, como tenciona Porto-Gonçalves (2020).

Portanto, concordamos com o Porto-Gonçalves (2020, p. 130), da necessidade de:

(...) se buscar no mundo mundano os processos históricos e os grupos/classes sociais que estariam em condições de oferecer outros horizontes de sentido para a vida. Quem sabe esses grupos/classes sociais que nos oferecem outros repertórios de temas/questões/valores possam nos inspirar a fazer outros mapas que nos ajudem a navegar nesses outros mares.

Precisamos olhar esses novos horizontes e pensar outras perspectivas de mundo e sociedade.

REFERÊNCIAS

BRITO, A. C. R. **Transformações territoriais no Cariri cearense: o Cinturão das Águas do Ceará (CAC) e o contexto de conflitos no Baixio das Palmeiras, Crato/CE.** Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

ESCOBAR, A. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento? In: LANDER, E. (Org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais.** ColecciónSurSur (CLACSO): Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2005. p.63-79.

GOMES, C. S. N.; et. al. Comunicação na Cartografia. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Faculdade Don Domênico**, v. 5, s./p., 2012.

GONÇALVES, C. U. **Ética e diferenciação interna do trabalho na ordem territorial e ambiental do Cariri cearense: solidariedade e conflito.** Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço.** São Paulo: Annablume, 2005.

PEREIRA, C. E. G. **Narrativas cartográficas sobre o agroextrativismo do babaçu em Arajara, Barbalha (CE).** 2019. Dissertação (Dissertação em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A Globalização da Natureza e a natureza da globalização.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.

PORTO-GONÇALVES, C. W. De caos sistêmico e de crise civilizatória: Tensões territoriais em curso. **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, v. 22, n. 2, p. 103-132, 5 set. 2020.

VALVERDE, O. Geografia Econômica e Social do Babaçu no Meio Norte. **Revista Brasileira de Geografia**, vol. 19, n. 4, p.381-420, 1957.

Cassio Expedito Galdino Pereira

Mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo) da Universidade Federal do Pernambuco (UFPE). Membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Espaço Agrário e Camponato da UFPE (LEPEC/UFPE).

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-0987-6258>

Email: cassio.expedito@gmail.com.

Artigo recebido em 03/11/2021 e aceito em 11/11/2021